

Sociedade. Entre a chamada geração canguru, composta por homens e mulheres de até 34 anos, maioria tem alta escolaridade e adia saída de casa por economia e conforto. Para eles, o conflito de gerações vivido por seus pais passa ao largo na relação familiar

Parcela de jovens adultos que moram com os pais dobra em duas décadas

Karina Toledo

Um em quatro jovens adultos brasileiros entre 25 e 34 anos ainda vive com os pais. O crescimento desta tendência nas últimas duas décadas não chega a ser novidade, pois o fenômeno é mundial. O que surpreende é o salto entre os homens, que praticamente dobrou no período – de 13,7%, em 1986, para 24,2% em 2008, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad).

Se antes a dificuldade financeira era o principal motivo que impedia os jovens de iniciar uma vida longe dos pais, o cenário mudou: com comida, roupa lavada e privacidade no próprio quarto, os jovens adultos não têm motivos para abrir mão da comodidade. Como não há mais o conflito de gerações que seus pais tiveram de enfrentar, eles aproveitaram para investir nos estudos e guardar dinheiro.

Entre as mulheres, o avanço foi menor: de 13,7% (1986) para 18,3% (2008). O levantamento foi feito pela demógrafa Regiane de Carvalho em sua tese de mestrado e atualizado a pedido do **Estado**.

A assessora de comunicação Thaís Noronha, de 30 anos, faz parte da chamada geração canguru. Ela divide um apartamento com a mãe e um irmão mais novo. Por causa da boa convivência, diz, só pensa em sair quando casar. “Nunca quis morar sozinha. Sinto necessidade de ter al-



SERGIO NEVES/AE

Sem pressa. Para economizar e continuar estudando, Daniel Mendes, de 27 anos, prefere morar com os pais Arnaldo e Tânia

guém para comentar como foi o dia, discutir o cabelo da atriz da novela e para isso eles são ótimas companhias.”

Na casa, cada um tem seu quarto, seu computador e sua TV. A maior parte dos afazeres domésticos ficam a cargo da mãe-canguru Shirlei Noronha.

A presença materna no domicílio foi o fator que mostrou mais influência na proliferação dos jovens cangurus, segundo a pesquisa de Regiane. “Aqueles

que não tinham mãe viva apresentaram três vezes mais chance de sair de casa, pois é ela, normalmente, quem proporciona casa, comida e roupa lavada”, analisa.

A queda na fecundidade, com redução no número de pessoas na casa, foi outro fator importante. Além de permitir aos pais investir nos filhos, proporcionou aos jovens mais espaço e privacidade. “Isso faz com que não tenham tantos incentivos para sair. Muitas vezes já estão trabalhando, mas pre-

ferem acumular uma certa renda para manter, quando saírem, o mesmo nível de bem-estar que tinham com os pais”, diz Regiane.

É exatamente assim que pensa o advogado Daniel Mendes, de 27 anos. “Até poderia me sustentar, mas passaria apertado. Não vejo sentido em sair a não ser para casar.” E isso não está em seus planos imediatos, embora namore há três anos. Ele já concluiu duas graduações e uma especialização, mas diz que as

despesas e obrigações de morar sozinho o impediram de continuar estudando para obter um trabalho melhor.

Com um mercado de trabalho mais restrito e exigente, a educação continuada é a saída para o jovem se tornar competitivo, diz a psicóloga Yvete Lehman, que coordena o serviço de orientação profissional da USP. “Mas nesse meio-tempo é preciso submeter-se a um semi-salário e o jeito é adiar a independência.”

FENÔMENO MUNDIAL

● Itália

Os “mammoni” – versão italiana da geração canguru – já representam mais de 50% dos jovens entre 18 e 34 anos. Um ministro propôs uma mesada estatal para estimulá-los a sair de casa.

● Espanha

Cerca de metade dos jovens até 34 anos continuam na casa dos pais e muitos afirmam não ter um projeto de vida definido. O fenômeno ganhou o nome de geração Ni-Ni – “ni estudian ni trabajan” – e virou reality show.

● Inglaterra

Até entre britânicos, que tradicionalmente saem cedo de casa, o número de “kidults” cresceu: são 25% dos homens e 13% das mulheres entre 25 e 29 anos.

O ideal de autonomia, diz a professora de psicologia da PUC-SP Ana Mercedes Bock, encontra-se enfraquecido pelas mudanças nas relações familiares. “Com as conquistas do feminismo, a casa deixou de ser o domínio de um pai autoritário e passou a ser um lugar de encontro de pessoas que se gostam e se apoiam.”

Sem conflito. A terapeuta familiar Célia Regina Henriques ressalta que esses pais são da geração que viveu o movimento hippie e a luta pela democracia. “Essa liberdade pela qual lutaram tentam reproduzir dentro de casa.”

Para ela, o fenômeno também está relacionado ao individualismo contemporâneo e à dificuldade de estabelecer vínculos afetivos. “É como se pais e filhos estivessem dentro de uma bolha. Já que as relações afetivas estão difíceis, o trabalho está difícil e a convivência familiar está boa, vamos viver esse momento e esperar pelo que vai acontecer”, diz. Se por um lado cria-se essa rede de apoio entre pais e filhos, diz, o lado ruim é que ocorre uma cristalização. “Para sair da bolha é preciso um grande esforço.”

Especialização em mais de uma área é motivo para ficar

● A fuga do compromisso afeta não apenas a dinâmica familiar e amorosa, mas também a profissional, afirma a psicóloga Célia Regina Henriques. “Por isso o trabalho freelancer se torna tão frequente entre os jovens. A ideia de fazer carreira em uma grande empresa, típica da geração anterior, não existe mais”, diz.

A troca frequente de emprego, por necessidade ou desejo, exige múltiplos conhecimentos. E a segurança financeira que a casa materna oferece permite ao jovem correr atrás da capacitação.

Formada em Jornalismo e Gastronomia, Gabriela Sampaio, de 32 anos, morou com a mãe até os 29 para custear a segunda faculdade. Nesse meio tempo, ela trabalhou em assessoria de imprensa, cozinha de restaurante e hoje desenvolve conteúdos para sites de internet.

Marion Hesser, de 26 anos,

iniciou três graduações. Ciências Sociais, ela abandonou; Relações Internacionais, concluiu; e hoje cursa Filosofia. Passou pelo mercado financeiro, fez trabalhos como atriz e escreveu para revistas. Agora trabalha com relações internacionais, mas revela o desejo de ser produtora cultural.

“Hoje deixei de sofrer por não ter um foco e passei a valorizar o fato de que eu tenho múltiplos interesses. A médio prazo isso me capacita.” Enquanto isso, a casa, a comida e a roupa lavada estão garantidas. / K.T.



TIAGO QUEIROZ/AE

Na bolsa. Mãe-canguru Shirlei e os filhos Thaís e Fábio

ENTREVISTA

Melissa Pimenta, socióloga

‘No Brasil, o melhor crédito que existe para o jovem ainda é o crédito familiar’

O processo de transição para a vida adulta em uma cidade como São Paulo foi alvo de investigação da socióloga Melissa Pimenta em sua tese de doutorado. A mudança ocorre, diz ela, quando há a realização de um projeto de vida, que varia entre as classes sociais. Os mais ricos buscam a escolarização, enquanto nas camadas mais popu-

lares as mulheres procuram a maternidade e os homens, o papel de provedor. A pesquisa qualitativa foi feita por meio de entrevistas com participantes entre 25 e 30 anos.

● **O que é ser jovem, adulto e adolescente hoje?**

Ser jovem é supervalorizado, pois significa que tudo ainda é

possível e eu posso mudar se não der certo. Já a adolescência é vista como uma idade problemática, da qual você tem de se livrar logo. Ser adulto é a realização de um projeto, de um ideal que varia de acordo com o segmento pesquisado.

● **Quais as principais diferenças?**
Nas classes de maior poder

aquisitivo há um projeto de escolarização muito forte. A família investe muito em educação e espera que o jovem faça faculdade e uma transição bem-sucedida no mundo profissional. Nas classes populares se vê um modelo familiar mais tradicional. Para a menina, a transição ocorre quando ela se torna mãe. Nem precisa estar casada ou ter um emprego. Para o rapaz, a entrada no mundo do trabalho é mais significativa. Ele se tornar provedor da família é um papel muito importante.

● **Entre os pesquisados havia jovens morando com os pais?**
Sim, muitos. Quando se compa-

ra com estudos europeus, vemos que isso tem relação com a forma como se dão as relações familiares no Brasil. É semelhante à de países latinos e de tradição católica, como Portugal, Espanha e Itália. Nos países escandinavos, onde há um estado de bem-estar social muito elevado, a família encara a relação com o jovem de uma maneira diferente. A partir dos 18 anos, cessam as obrigações familiares e o jovem tem de se virar. Ele sai de casa e o próprio Estado provê crédito, moradia, estudo. No Brasil, o jovem conta com muito pouco apoio do Estado. Para sua autonomia, o melhor crédito que existe ainda

é o crédito familiar. É irrestrito, não precisa de comprovação de renda. Mas há contrapartidas.

● Como assim?

Principalmente nas classes populares, espera-se uma retribuição, muitas vezes financeira, para esse esforço que o pai teve. No caso das famílias mais abastadas, não necessariamente há essa expectativa. A família se vê na obrigação de garantir uma transição bem-sucedida, para que o filho saia de casa no mesmo nível social. Até porque hoje em dia está todo mundo mais consumista. O nível de exigência do jovem hoje é muito maior. / K.T.